



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Melodrama explora falta de ética da humanidade

A estreia de *Quando eu for mãe quero amar desse jeito*, de Eduardo Bakr, foi uma excelente oportunidade para a gente reencontrar um teatro cheio: Vera Fischer continua sendo um magneto extraordinário para o público, e quem a assiste, enfim, confirma que isto não é lenda, mas a simples e pura verdade. Depois, foi um ótimo teste para saber que Tadeu Aguiar não é apenas um excelente diretor de musicais, como o recente *A cor púrpura*, mas é um meticuloso diretor de atores. Enfim, apesar do frio, ficou evidente que algumas plateias se encantam com peças leves, engraçadas - desde que inteligentes - e que não preocupem demais a gente. Afinal, já temos tantas tragédias para enfrentar, como a do recente assassinato de um indigenista e de um jornalista na selva amazônica... O mais fantástico, é descobrir que a receita de chamada *pièce bien faite* (peça bem feita), inventada pelos dramaturgos franceses no século XIX, continua eficiente e sedutora.

Seus criadores foram Eugène Scribe e Victorien Sardou, a partir dos anos 1820. Consiste num enredo realista (antecipando o realismo) mas com inúmeras viradas no andamento da intriga, de tal maneira que o público deve ser sempre surpreendido pelo que ocorra, ainda que, evidentemente, com o passar do tempo, a gente já possa supor o que ocorrerá. Mesmo assim, o desafio do dramaturgo era saber combinar as alternativas que o cardápio lhe oferecia, de maneira a interessar o público. Para quem odeia este tipo de obra, por sua aparente falta de criatividade e artisticidade, é bom que se lembre que na tragédia grega todo o espectador já conhecia a história que iria ser representada: tratava-se, antes, de saber como ela iria ser organizada pelo dramaturgo. Ou seja, o "mito", como queria Aristóteles, era conhecido, o que importava era a trama a ser desenvolvida. Também a *comedia dell'arte* tinha um repertório aparentemente repetitivo de enredos, mas que milagres se fazia com isso!!!

A exigência pela criatividade surgiu com o romantismo. Antes, qualidade significava competência para emular os clássicos, basta ler Horácio. Pois bem, Eduardo Bakr mostrou saber muito bem disso. Sem ser francês, sem estar no século XIX,

escolheu a preservação do nome de família - e ofereceu ao público um engraçado e inteligente jogo de xadrez de que se abole a moralidade e a ética. Há perspectiva mais atual do que esta para nosso século XXI, especialmente no Brasil, onde o "jeitinho" é sempre a regra?

Se o texto de Bakr é desafiador, neste sentido, com frases rápidas, curtas, precisas, cortantes, com entreditos e subentendidos, a direção de Aguiar foi, mais do que fiel, e valorizou o texto original. Os jogos corporais de Mouhamed Harfouch, por exemplo, são hilários, sem cair no pastelão; as ênfases frasais de Vera Fischer sabem valorizar sua tonalidade mais grave da voz; Larissa Maciel, aparentemente distante e fria, encarna justamente a personagem que deve ter frieza e distanciamento para conseguir chegar ao objetivo que almeja. No final, tudo se ajeita: o desafio entre sogra e nora se equilibra, inclusive com a sogra tomando a iniciativa de se afastar do caminho do casal. O filho é sempre um pobre boneco em meio às manipulações das duas mulheres - livra-se de uma e cai nas mãos da outra - versão tropical do Macbeth que quer o poder mas não quer sujar as mãos, porque de inocente ele nada tem - e a nora, sem qualquer remorso pela morte da sogra, encarna-a literalmente, na medida em que a peça se encerra justamente com a ênfase que lhe dá título. A jovem Gardênia se torna a habilidosa Dona Dulce Carmona. Com certeza, o nome de família vai ser preservado.

O cenário de Natália Lana funciona bem para as saídas e entradas das cenas, inclusive para a troca de figurinos (de Dani Vidal e Ney Madeira, aliás, herança do gênero, que fazia parte do grande conjunto dos melodramas do final do século XIX). Gardênia, aliás, ironia extrema, é uma flor chinesa que significa doçura e amor secreto, tudo o que ela não é.

Admirei o senso de humor de Vera Fischer, que desconhecia. O elenco é extremamente equilibrado (evidência da eficiência do diretor) e por tudo isso, a peça flui, agrada e diverte. A gente pode assistir, rir e sair do teatro sem qualquer sentido de culpa. Como diz Dona Dulce, a humanidade não presta, mesmo.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Tema sem variações

Não seria um diretor de porte mediano o mais indicado para abordar um assunto tão complexo como o focalizado em *A hora do desespero*. Acontecimentos como os recentemente ocorridos em escolas e outros locais nos Estados Unidos deram origem a dois filmes impactantes, *Elefante*, de Gus Van Sant, realizado em 2003 e vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes, e *Preçamos falar sobre o Kevin*, de Lyne Ramsay, produzido em 2011. Ambos tiveram a repercussão merecida por não se contentarem em reproduzir aspectos exteriores de episódios de extrema dramaticidade. *A hora do desespero*, dirigido por Phillip Noyce, chega aos cinemas quando a questão da violência volta a ocupar espaço e atenção devido a novos atentados praticados sem causa aparente no país onde a compra de armas é legalizada e até incentivada por setores para os quais a vida humana perde o seu valor maior. Certamente não são as armas que matam, mas os indivíduos que as utilizam. Mas quando estes são criados em sociedades cujos problemas de maior relevância não foram resolvidos e nem são abordados como deveriam ser e nas quais as futilidades são exaltadas e jogos incentivam a brutalidade, tais instrumentos não deveriam ter seu acesso permitido com tanta facilidade. É o que os dois filmes produzidos antes do atualmente em cartaz procuram explicar. Porém, como o primarismo de alguns e o interesse de organizações poderosas predominam, pouco tem adiantado a ação daqueles que não cansam de advertir sobre os perigos de tal política, mais uma - e não apenas nos Estados Unidos - a não distinguir entre causa e efeito, certamente uma das maiores deficiências de nosso tempo.

Enquanto Van Sant e Ramsay procuram chegar às causas, Noyce se contenta em descrever as consequências. E mesmo assim age de forma inadequada. A terrível suspeita que atormenta a mãe em *desespero* é abordada de forma superficial. O cineasta não se aproxima adequadamente de uma constatação de que a agressividade do filho possa ser causada pelo remorso de ver seu desejo edipiano ser concretizado por um aci-

dente. Tal possibilidade parece não interessar. O que realmente importa é focalizar, repetidamente e sem se importar com o fato de que a repetição se transforma, em cinema ou em qualquer outra arte, em fator de desinteresse e aborrecimento, o esforço da personagem principal. O filme se contenta em expor o sofrimento da mãe, algo perfeitamente natural, mas que não abre para o filme qualquer caminho no rumo de uma visão profunda do tema desenvolvido. O epílogo, então, é constrangedor, não faltando uma mensagem destinada a repor a harmonia depois de acontecimento tão assustador. Nos dois filmes que precedem o de Noyce, há uma procura das origens da violência. No de Ramsay há mesmo uma sequência em que pai e filho participam de um jogo que incentiva o assassinato. E a mãe tem sua vida destruída, inclusive por não saber ver no comportamento do filho pequeno sinais reveladores e premonitórios.

O que o filme de Noyce tem de mais interessante é sua quase transformação em um documentário sobre a utilidade de novos meios de comunicação entre pessoas e sobre a destreza com que os usuários adquiriram sobre tais instrumentos. O filme é quase um solo executado pela protagonista, uma virtuose indiscutível de seu instrumento. Mais do que isso, ela também em determinado momento chega a se transformar em detetive dos mais competentes e experientes, chegando mesmo a suplantar a própria polícia ao conseguir entrar em contato com o criminoso que ameaça os jovens que tem sobre seu controle. Isso tudo sem sair da floresta e sem parar de correr. Uma vitória, portanto, da tecnologia e da capacidade de utilizá-la. Só que tudo isso é tratado de maneira a não expor todo os problemas gerados pelo distanciamento e pela inversão de valores. Talvez Noyce obtivesse melhores resultados se a ênfase fosse conferida, por exemplo, na constatação de que a fuga para a floresta e o abandono do filho que se recusa a enfrentar a realidade fossem exemplos de distanciamento humano a ser evitado. No final, a protagonista é apenas a vencedora de uma maratona na qual não tem concorrentes.